

Diretoria de Ensino de Campinas Oeste



CIDADES

Campinas, Valinhos e Vinhedo

CURSOS

Língua Portuguesa/Literatura, Ler para Aprender, Física/Química e Biologia, Matemática e História/Geografia

1092 professores capacitados **89** escolas participantes **2.720** horas/aula

Números referentes aos anos de 2003 e 2004



Apresentação do grupo de teatro "O Santo", no gramado da Faculdade de Educação da Unicamp



ADESÃO MACIÇA

Na opinião da gestora do programa em Campinas Oeste, Silvana Pinotti Rizk, o fato mais marcante da Teia do Saber foi a adesão massiva de professores de 1ª a 4ª séries ao projeto. Segundo Silvana, a procura chegou a ser muito maior do que a demanda, já que muitos professores – boa parte sem curso superior – jamais tiveram oportunidade de ter contato com a Universidade. Outro ponto destacado pela professora foi a abertura, por parte da Unicamp, de um canal direto com os gestores. “Isso foi muito importante para corrigir eventuais desvios programáticos”.



UM PRIVILÉGIO

“É formidável fazer com que os professores voltem aos bancos escolares. Precisamos da universidade para ajudar na capacitação dos professores, que têm sede de saber e passam a ter contato com o conhecimento e onde ele está sendo elaborado.

É um privilégio estarmos tão próximos da Unicamp, cujos docentes tiveram uma boa vontade muito grande em ensinar. Foram formatados cursos de acordo com a nossa necessidade, de acordo com o que foi pedido. Outras universidades públicas não demonstraram interesse em participar, ao contrário da Unicamp.

Além de tudo, o contato com a Universidade abriu um canal que renderá projetos de mestrado e de doutorado. É mais uma porta aberta pelo contato entre os participantes da Teia e os professores da Unicamp.”

Antônio Admir Schiavo, dirigente de ensino de Campinas Oeste

NA FEBEM

O trabalho da professora Lúcia do Prado Souza difere muito daquele desenvolvido por seus colegas. Lúcia dá aulas para 1a a 4a séries, durante 20 horas por semana, para adolescentes internos de uma unidade da Febem em Campinas, tarefa que ela considera “gratificante”. “É uma maneira de contribuir para a inserção dos jovens na sociedade”. Para exercer o seu ofício, a professora se transforma: desempenha o papel de psicóloga e de mãe dos garotos, muitos deles abandonados por suas famílias.

Não reclama de trabalhar muitas vezes sob pressão, até por ter tido experiência semelhante em um presídio de Hortolândia. “Muitos professores não agüentam e desistem no meio do caminho. Nunca tive problemas. Depois que passam a confiar em você, os internos acabam se abrindo”, testemunha Lúcia, que aplica, na Febem, o conteúdo adquirido na Teia do Saber. “Tem sido algo muito especial”.

Essa opinião é compartilhada pela professora Maria Amélia Arruda Andrade Silva, companheira de Lúcia há três anos na unidade da Febem. “Não vejo diferença entre os internos e os jovens matriculados em escolas públicas. Muitos deles não cursaram escola e têm defasagem de aprendizagem, mas, se souberem aproveitar a oportunidade, saem de lá formados”.

Na opinião de Maria Amélia Arruda Andrade Silva, as pessoas associam a Febem às rebeliões e à violência, esquecendo-se que as unidades abrigam muitos jovens talentosos, que frequentam um curso regular como o de qualquer escola. “Ninguém está lá por querer. O que eles precisam é de uma oportunidade no mercado. A sociedade precisa dar essa oportunidade”.



Lúcia Helena do Prado Souza



Maria Amélia Arruda Andrade Silva





CIDADANIA

A professora Márcia Regina Doque (à esquerda) desenvolve projetos voltados aos jovens internos na Unidade de Internação Provisória (UIP) do Jardim Amazonas, em Campinas. Um deles, denominado “Educação e Cidadania”, aborda temas como família, trabalho, justiça, educação e saúde. Parte das experiências da Teia do Saber foi repassada aos seus colegas de unidade.

Embora o espaço fosse pequeno, Márcia tomou a iniciativa de implantar uma biblioteca na UIP. Às segundas-feiras, para ficar num exemplo, a professora promove sessões de leitura. “Os jovens gostam de ler. Estamos levando muitas coisas da Teia para eles. O negócio é fazer acontecer na própria unidade, embora o espaço seja diminuto”.





O CORPO

A doutoranda Eliana Kefalas Oliveira (abaixo), do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, desenvolve trabalho que estabelece a relação entre o corpo e a palavra, entre a leitura e a expressão corporal. A pesquisadora tenta mostrar como a leitura pode ser explorada tanto no som, como no corpo. “Na minha opinião, a leitura é um lugar de transformação do sujeito”.

Boa parte desses conceitos foi aplicada no curso “Ler para Aprender”, oferecido na Teia do Saber. Eliana comemorou o fato de a receptividade ter sido grande. “Não houve resistência ao conteúdo do curso. Uma pesquisa não pode ficar presa à sua vida. Esse tipo de trabalho precisa se tornar público”.





ESPECIAL

A professora Rosa Maria Martins trabalha há mais de duas décadas junto a alunos com necessidades especiais. Hoje lotada na E.E. Dom Barreto, em Campinas, Rosa gosta muito do que faz, sobretudo pela oportunidade que tem de incluir as crianças em cursos regulares. “É como uma flor que está desabrochando. Elas têm mais dificuldades de aprender, mas sempre acabam acompanhando as demais”.

A participação na Teia do Saber fez com que Rosa adotasse, na sala de aula, dinâmicas usadas no projeto. “Foi uma transformação. Ajudou muito no meu aperfeiçoamento e na minha relação com os alunos”.



UM DEPOIMENTO

“Gostaria de ressaltar que a experiência demonstra, de uma maneira bastante objetiva, para os docentes da Unicamp, que os professores do ensino fundamental e do ensino médio, que são os principais interlocutores da Teia do Saber, apresentam um desejo muito grande de se aprimorar por meio dos seus contatos com a Universidade.

Nós devemos não só fazer essa experiência sazonal, mas realmente dar continuidade a esse processo. Somente essa experiência de 80 horas me parece não bastar a esse professor. Não que ela não faça avançar as competências, os conhecimentos, mas me parece que esse pessoal quer continuar somando outros cursos mais à frente, até no sentido de se conseguir uma titulação de especialista. Muitos deles, inclusive, querem até fazer uma pós-graduação na Unicamp.

Por outro lado, não há dúvida nenhuma de que essas duas competências básicas, que é o “ler” e o “escrever”, que possibilitam outras experiências, como o estudar e o pesquisar, estão realmente bastante abaladas, não só em função de uma formação básica muito ligeira, como também pela vida desses professores, que é muito corrida.

A Unicamp, em termos dos seus institutos, possui um quadro de doutores e de pesquisas que precisam retornar às comunidades, sobretudo às de professores, para ser refletida, debatida e intercambiada. A Unicamp, certamente, vem correspondendo a essa demanda através dos chamados *pregões*. Acho que ela tem que entrar com muita dignidade nesse processo, sabendo que aquilo que ela faz nesses muros é muito melhor do que é proposto por outras universidades desse país.”

Ezequiel Teodoro da Silva, professor da Faculdade de Educação da Unicamp



